



# **Bullying nas Escolas de Guimarães: Tipologias de Bullying e Diferenças entre Gêneros**

## *Bullying in Guimarães Schools: Types of Bullying and Gender Differences*

Teresa Sousa-Ferreira\*<sup>✉</sup>, Sérgio Ferreira\*, Helena Martins\*\*

### **RESUMO**

**Introdução:** O *bullying* escolar é o tipo mais comum de violência nas escolas e parece estar a aumentar nos últimos anos. Os vários tipos de agressão e vitimização por *bullying* apresentam-se com diferentes frequências conforme o género dos alunos.

**Objetivos:** Avaliar a frequência das diferentes tipologias de vitimização e de agressão por *bullying* nos alunos participantes das escolas públicas de Guimarães. Comparar as frequências de vitimização e de agressão por *bullying* entre alunos de sexo feminino e masculino.

**Desenho do estudo:** Estudo observacional e transversal.

**Métodos:** Foi selecionado um igual número de turmas do 6º e do 8º ano das escolas públicas do concelho de Guimarães, em Portugal. Os alunos preencheram autonomamente um questionário com informação demográfica e o *Multidimensional Peer Victimization Scale* adaptado para Portugal. Técnicas de estatística descritiva e analítica foram utilizadas na análise dos dados. Considerou-se *Bullying*, na relação com os colegas, 2 ou mais episódios de maus-tratos no mês anterior.

**Resultados:** Avaliaram-se 660 alunos, de 11 a 16 anos de idade, 48.8% do 6º ano, 48.8% do sexo feminino, de dez escolas das catorze do concelho. Declararam-se envolvidos diretamente em comportamentos de *bullying*, como autores ou alvo de maus tratos, 71.2% dos alunos (78.1% dos rapazes e 64.0% das raparigas). As prevalências, por tipologia, foram de 61.2% no verbal, 36.8% no social, 24.8% no físico e 22.9% de envolvidos no *bullying* relativo à propriedade. As tipologias mais frequentemente reportadas pelas vítimas, em ambos os géneros, masculino e feminino, foram a verbal (54.0% e 41.3%, respetivamente) e a social (26.7% e 30.1%, respetivamente). No total dos alunos as tipologias de vitimização mais frequentes foram a vitimização verbal com 48.4% e a vitimização social com 28.8%. Nos agressores, a verbal e a física nos rapazes (respetivamente 44.5% e 25.5%) e a verbal e a social nas raparigas (28.3% e 9.3%) foram as mais frequentes. No total dos alunos as tipologias de agressão mais frequentes foram a agressão verbal com 36.6% e a agressão física com 15.3%. Os alunos do sexo masculino estiveram mais frequentemente envolvidos diretamente em comportamentos de *bullying*. Nos rapazes encontraram-se proporções de vítimas de todas as tipologias exceto a social, e de agressores verbais e físicos, significativamente supe-

\* Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Centro Hospitalar Tâmega e Sousa, EPE. ✉ at\_sousa\_9@hotmail.com.

\*\* Unidade de Saúde Pública do ACES do Alto Ave – Guimarães, Vizela e Terras de Basto.

Recebido / Received: 30/05/2014 - Aceite / Accepted: 24/07/2014.

riores. Encontraram-se diferenças significativas nas proporções de vítimas e agressores entre escolas, grupos etários e anos de escolaridade.

**Conclusão:** Os alunos que negaram envolvimento direto no *bullying* foram apenas 28.8%. Encontraram-se vários comportamentos de *bullying* significativamente diferentes entre géneros, mas não em todas as escolas, grupos etários e ano de escolaridade. Estes dados indicam que os fatores genéticos podem não ser importantes, devendo a atuação centrar-se noutros aspetos. O estudo dos fatores que condicionam as diferenças dos comportamentos e tipologias de *bullying* poderá facilitar a identificação de situações de violência de forma a evitá-las.

**Palavras-Chave:** *Bullying*; Escola; Sexo; Género; Ano de Escolaridade; Agressão; Vitimização; Portugal; Guimarães; *Multidimensional Peer Victimization Scale*.

### **ABSTRACT:**

**Introduction:** School bullying is the most common type of violence in schools and seems to be increasing in recent years. The various types of aggression and victimization by bullying occur with different frequencies depending on the gender of the students.

**Objectives:** To determine the frequency of different types of victimization and aggression by bullying among participating public school students of Guimarães. To compare frequencies of victimization and aggression by bullying between female and male students.

**Study Design:** *Observational and cross-sectional study.*

**Methods:** *An equal number of classes of the 6<sup>th</sup> and 8<sup>th</sup> grade in public schools was selected in the municipality of Guimarães, Portugal. The students autonomously completed a questionnaire with demographic information and the Multidimensional Peer Victimization Scale adapted to Portugal. Descriptive and analytical statistical techniques were used to analyze the data. Bullying was considered in relation with colleagues, 2 or more episodes of maltreatment in the previous month.*

**Results:** *660 students were evaluated, ranging from 11 to 16 years of age, 48.8% of 6<sup>th</sup> year, 48.8% female, recruited from ten of the fourteen schools in the county. Seventy-one percent of students (78.1% of boys and 64.0% of girls) declared themselves directly involved in bullying behaviors, as authors or targets. By type, the prevalence was 61.2% verbal, 36.8% social, 24.8% physical and 22.9% involved in property-related bullying. The most common types reported by victims, of both male and female genders, were the verbal (54.0% and 41.3%, respectively; 48.4% of total student body) and social (26.7% and 30.1%, respectively; 28.8% of total students). In the aggressors, verbal and physical bullying types in boys (respectively 44.5% and 25.5%) and verbal and social in girls (28.3% and 9.3%) were the most common. When considering the total sample, the most common types of aggression in were verbal and physical (36.6% and 15.3%, respectively). Male students were more often*

*directly involved in bullying behaviors. With the exception of social bullying, boys were more likely to be victims of all types, as well as being physical and verbal abusers. Significant differences were found in the proportions of victims and perpetrators among schools, age groups and schooling years.*

**Conclusion:** *Only 28.8% of students denied direct involvement in bullying. We have found several significantly different bullying behaviors between genders, but not in every school, age group or grade. These data indicates that genetic factors may not be important, and that action should focus on other aspects. The study of the factors that influence the differences in types of bullying behaviors may allow the identification of violent situations in order to prevent them.*

**Key-Words:** *Bullying; School, Sex; Gender; School Year; Aggression; Victimization; Portugal; Guimarães; Multidimensional Peer Victimization Scale.*

## INTRODUÇÃO

### Tipologias de *Bullying*

O *bullying* nas escolas está presente em quase todos os países mas com níveis de prevalência diferentes. Estudos têm encontrado de 8% na Alemanha até 30% em Itália<sup>1,2</sup>. Entre alunos portugueses, um estudo com crianças de 10 a 18 anos de idade, revelou 23,5% envolvidos em comportamentos de *bullying* duas a três vezes por mês ou mais, ou seja, perto de um em cada quatro alunos. Estes comportamentos parecem atingir o seu auge aos 13 anos de idade, embora os mais novos (11 anos de idade) se envolvam mais, enquanto vítimas<sup>3</sup>.

Em investigações com amostras nacionais representativas<sup>4,5</sup> verificou-se, em 1998, que 42,5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos de idade relatavam nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10,2% afirmavam-se agressores e 21,4% vítimas (um ou mais episódios no último período escolar), sendo 25,9% os que se diziam simultaneamente vítimas e agressores. Já em 2004, 41,3% dos alunos diziam nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 9,4% serem agressores, 22,1% vítimas e 27,2% simultaneamente vítimas e agressores.

Em escolas dos concelhos de Braga e Guimarães, em 1996, com uma amostra de 6200 alunos pertencentes a 18 escolas, verificaram serem vítimas, em cada um dos ciclos (1º e 2º), 22% dos alunos e agressores 20% no 1ºCiclo e 15% no 2ºCiclo<sup>6</sup>. Recentemente, em escolas públicas do norte de Portugal (360 alunos, com idade média de 12,4 anos), encontraram uma prevalência do *bullying* de 27,5%<sup>7</sup>. Em escolas de Bragança, em 2010 (387 alunos, com 7 a 14 anos de idade) encontraram uma prevalência de agressores de 10,8% - 37,3% e de vítimas de 23,5 - 46,8%, dependendo do número de episódios considerado na definição de *bullying*, três ou mais ou um, respetivamente. 18,5% dos indivíduos seriam apenas vítimas, sem agredir, 5,8% agressores e simultaneamente vítimas e agressores 5,0% (com três ou mais episódios)<sup>8</sup>. No estudo *Health Behaviour in School-aged Children*, envolvendo 35 países, Portugal ficou em 4º lugar no ranking da vitimização na escola<sup>9</sup>.

Está documentado um aumento de frequência nos últimos anos destes comportamentos<sup>5</sup>. No entanto, os estudos de que dispomos são insu-

ficientes para o dizer em Portugal, podendo as diferentes prevalências encontradas dever-se a fatores como a amostra em estudo, metodologia de avaliação e definição de *bullying* usada. De acordo com Olweus, “um aluno está a ser vítima de *bullying* quando ele ou ela se encontra exposto, de forma repetida e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos e apresenta dificuldade em se defender”<sup>10</sup>. Segundo Olweus, estamos perante uma ação negativa sempre que “alguém inflige ou tenta infligir, de forma intencional, dano ou desconforto sobre um terceiro”<sup>10</sup>. Estas ações negativas de cariz humilhatório e/ou provocativo podem se traduzir em palavras (*bullying* de tipo verbal) por ameaças, insultos, provocações, praguejar ou comentários ofensivos dirigidos à vítima ou à sua família<sup>11</sup>. Estamos, ainda, perante uma ação negativa sempre que alguém bate, empurra, belisca ou repreende terceiros, fazendo recurso ao contato físico (*bullying* de tipo físico)<sup>10</sup>. As ações negativas podem, ainda, ser levadas a cabo sem o uso de palavras ou do contato físico, quando os alunos utilizam as chamadas “caretas”, gestos ofensivos ou quando excluem intencionalmente alguém de um grupo (*bullying* de tipo social)<sup>10</sup>. Os ataques à propriedade como furto, extorsão ou destruição deliberada de materiais/objetos (*bullying* de tipo relativo à propriedade) também têm sido identificados como manifestações de *bullying*<sup>12</sup>. Relativamente aos tipos de *bullying* mais habituais, destacam-se a agressão de tipo físico e a agressão de tipo verbal<sup>13</sup>.

De acordo com a sua atitude, os alunos associados a *bullying* são categorizados em

agressores (os autores de *bullying*) e vítimas (os alvos de *bullying*). Existem ainda as testemunhas, que podem defender qualquer das partes, sem serem vítimas ou agressores.

O *bullying* é objeto de preocupação de pesquisadores, educadores e profissionais de saúde do mundo inteiro. Pode ocorrer em qualquer grau de ensino e tipo de escola, pública ou privada, rural ou urbana. E em diferentes condições sociais e económicas. Paradoxalmente, ocorre justamente no lugar em que as crianças e adolescentes deveriam aprender a conviver socialmente, a ter respeito pelo outro e a exercitar e desenvolver a sua individualidade e subjetividade sem coerção<sup>14</sup>.

Alguns comportamentos agressivos são esperados durante a adolescência e podem até mesmo ter benefícios adaptativos<sup>15</sup>. É diferente a violência, associada a relações de domínio. O *bullying* não deve ser negligenciado ou tratado como parte do desenvolvimento. Pode trazer consequências graves aos envolvidos. Pesquisas têm associado a experiência de vitimização à baixa autoestima, sintomas físicos e emocionais, ansiedade, medo, cefaleia, enurese, evitação escolar, depressão, ideias suicidas e suicídio, entre outros<sup>16-19</sup>. Para além disso, o *bullying* pode ser precursor de transtornos de personalidade antissocial e outros comportamentos violentos na adolescência e idade adulta<sup>20</sup>. Os efeitos do envolvimento em *bullying* podem persistir em toda a vida escolar e durante a vida adulta<sup>19,21</sup>.

### **Bullying e Diferenças entre Sexos**

O conceito de género procura distinguir, para além do sexo, a construção social e histórica do masculino e feminino, bem como para

explicar as relações de poder entre homens e mulheres, e como eles se relacionam com a sociedade<sup>22,23</sup>.

Estudos na área do *bullying* indicam que as raparigas e os rapazes manifestam o seu comportamento de forma diferente<sup>18-25</sup>. Da infância à adolescência, os alunos do sexo masculino tendem a envolver-se mais em condutas de agressão/ vitimização do que os alunos do sexo feminino. Está descrita uma atenuação dessa diferença com a idade<sup>24-26, 27-30</sup>.

Os alunos de sexo masculino apresentam maioritariamente uma tendência para agressão física e verbal<sup>25,26,31,32</sup> e os do sexo feminino para a agressão e vitimização social<sup>24-26,30,33,34</sup>. O *bullying* de tipo verbal apresenta uma prevalência comum em ambos os sexos<sup>32, 34-36</sup>, seguido do *bullying* físico nos rapazes e do *bullying* social nas raparigas<sup>27-29, 37-39</sup>. Também em Portugal, os estudos sobre o *bullying* revelam que os rapazes são mais frequentemente envolvidos em *bullying* de tipo físico, enquanto as raparigas se envolvem mais no social, em comportamentos de exclusão, sendo o *bullying* de tipo verbal o mais comum em ambos os sexos<sup>39</sup>.

Têm surgido na literatura opiniões que procuram justificar estas diferenças. Crick e Grotpeter propõem que as crianças, ao tentar infligir danos aos seus pares, o fazem de modo a prejudicar os objetivos que são valorizados pelo respetivo sexo ou género<sup>40</sup>. Assim, os alunos masculinos tenderiam a magoar os seus pares através da agressão verbal e física por esses atos comprometerem os objetivos considerados importantes para os rapazes em contexto de grupo, particularmente de dominância física. Por outro lado, na maioria do género fe-

minino, as preocupações predominantes serão outras. Elas tenderão a focalizar-se preferencialmente em questões relacionais no âmbito da interação social. Assim, são as estratégias de *bullying* de tipo social as mais frequentemente utilizadas pelas raparigas, porque são particularmente eficazes em danificar o estabelecimento de laços diádicos próximos, de amizade, ou simplesmente os sentimentos de inclusão no grupo de pares, para elas considerado o objetivo social mais importante<sup>29,40</sup>.

Os achados sugerem a necessidade de novas pesquisas que avaliem mais amplamente as diferenças entre sexos / géneros envolvidas no *bullying*. Tal avaliação irá permitir melhores intervenções e uma melhor compreensão da complexa interação entre os diferentes fatores individuais e do contexto, presentes no fenómeno do *bullying*<sup>41</sup>.

## OBJETIVOS

Avaliar a frequência das diferentes tipologias de vitimização por *bullying* e de agressão por *bullying* nos alunos participantes das escolas públicas de Guimarães; comparar as frequências de vitimização e de agressão por *bullying* entre alunos de sexo feminino e masculino.

## MÉTODOS

### População e Procedimentos

Estudo transversal e observacional. Contato com as escolas e colheita dos dados de Abril a Junho de 2012. Propôs-se estudar todos os alunos do 6º e do 8º ano de escolaridade, das escolas públicas do concelho de Guimarães. Foram contactadas 14 escolas, pela investigadora e equipa de Saú-

de Escolar. Destas, quatro recusaram participar (por cansaço associado à participação noutros estudos ou sem motivo referido).

Foram avaliados os alunos presentes em 32 turmas do ensino normal. Selecionou-se, em cada uma das escolas participantes, igual número de turmas (uma ou duas) de cada ano, 6<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup>, tendo em conta a concordância entre o horário escolar e a disponibilidade da investigadora. Com o consentimento da direção das escolas, dos encarregados de educação e dos alunos, cada estudante preencheu autonomamente um questionário durante a aula de Formação Cívica na presença do professor da disciplina e da investigadora. Foi explicada a todos a importância da colaboração no estudo, garantindo-se a confidencialidade e anonimato dos resultados. De 661 alunos, um recusou participar.

A resposta às questões avaliadas neste estudo requereu cerca de dez minutos: sexo, idade, data de nascimento e o *Multidimensional Peer Victimization Scale*, de Mynard e Joseph<sup>42</sup> adaptado a Portugal por Veiga<sup>43</sup>. No entanto, aproveitou-se a ocasião para aplicar também outros questionários, intercalados com os deste estudo, obtendo-se um tempo total de resposta de cerca de 20 minutos.

Os aspectos éticos referidos por Tuckman<sup>44</sup>, direito à privacidade ou à não participação, direito a permanecer no anonimato e direito à confidencialidade, foram respeitados.

## Medidas

### 1. Medidas demográficas

Os alunos indicaram a sua data de nascimento, idade e sexo. A idade foi avaliada em anos completos no início do ano civil em curso. Registaram a escola e ano de escolaridade.

### 2. *Multidimensional Peer Victimization*

A *Multidimensional Peer Victimization Scale* (PVS) é um instrumento de avaliação da vitimização e agressão entre pares na escola, recomendado por diferentes autores e utilizado na investigação científica internacional. No estudo da sua adaptação para Portugal, os resultados obtidos apresentaram-se semelhantes aos encontrados noutros países, por diferentes investigadores<sup>42,45</sup>. A escala apresenta boas qualidades psicométricas, que a tornam útil na investigação. Divide-se em dois grupos de 16 itens. O primeiro grupo (PVS de Vitimização) é constituído por 16 itens relacionados com possíveis maus-tratos de que o aluno tenha sido vítima pelos seus colegas da escola, durante o último mês de aulas e, o segundo (PVS de Agressão), por questões relacionadas com possíveis maus-tratos que o aluno tenha feito a algum dos seus colegas, durante o último mês de aulas. Em ambos os grupos, trata-se de um conjunto de questões fechadas com uma escala de (0) *Nunca*, (1) *Uma vez ou* (2) *Duas ou mais vezes*. Os itens ou questões estão divididos por quatro dimensões de Vitimização/Agressão a avaliar: física, verbal, social e relativa à propriedade. Cada destas dimensões é avaliada por quatro questões intercaladas.

Considerando que grande parte da literatura consultada se refere ao *bullying* como comportamentos ou atitudes repetidos de agressão e/ou vitimização e dada a falta de um consenso sobre a duração destes para considerarmos estar perante *bullying*, usou-se o critério de ocorrência duas ou mais vezes no último mês na definição deste fenómeno. Usou-se o mesmo critério para as diferentes definições de vitimização / agressão: física, verbal, social e relativa à propriedade.

### Análise e Tratamento de Dados

Para a análise dos dados foi utilizado o programa informático de tratamento estatístico de dados IBM® SPSS® *Statistics* 21.

Os dados foram validados pela dupla verificação e pesquisa de aberrantes. Decidiu-se considerar, na avaliação de cada dimensão (verbal, social...), os alunos que tivessem pelo menos duas respostas às quatro respetivas questões.

Os dados são apresentados em termos de estatística descritiva e as diferenças entre proporções foram analisadas usando os testes Chi-quadrado de Pearson, exato de *Fisher* e *U* de Mann-Whitney. Usou-se um nível de significância de 0.05.

## RESULTADOS

### Estudo da População

Dos 660 alunos participantes, apenas dois não foram avaliados em todas as dimensões do *bullying*. Um não respondeu a alguns itens do PVS de Vitimização e outro a alguns itens do PVS de Agressão. Tinham respetivamente 11 e 13 anos de idade, frequentavam o 6º e o 8º ano de escolaridade e eram ambos do género masculino. Assim, foram avaliados relativamente às diferentes dimensões de vitimização e de agressão 659 alunos e relativamente ao envolvimento no *bullying* 660.

Uma resposta “3” no PVS foi excluída, por impossível, sendo tratada como ausência de resposta. O número de respostas válidas a cada questão do PVS variou entre 657 e 659.

Dos 660 alunos, 338 (51.2%) responderam ser do sexo masculino e 322 (48.8%) do sexo feminino. 322 alunos (48.8%) frequentavam o

6º ano de escolaridade e 338 alunos (51.2%) encontravam-se no 8º. Tinham entre 11 e 16 anos de idade, 97% entre 11 e 14 anos, com um mínimo de 11 anos no 6º e 13 no 8º ano de escolaridade. Encontrou-se uma idade média de 12.3, desvio padrão de 1.16, mediana e moda de 13 anos.

### Tipologias de *Bullying*

A frequência do relato de maus tratos, nas respostas aos PVS de Vitimização e PVS de Agressão encontram-se visíveis na Figura 1 (página seguinte). A vitimização verbal foi a mais frequente, entre os alunos participantes, seguida da vitimização social. Consideraram-se vítimas de *bullying* 62.5% alunos, alvo de um ou vários tipos de maus-tratos pelos colegas pelo menos duas vezes no último mês (Tabela 1). Negaram ter sido alvo de maus-tratos 173 alunos (26.3%) e 74 (11.2%) disseram tê-los recebido dos colegas apenas uma vez, no mês anterior.

O total de alunos considerados vítimas de *bullying* não corresponde à soma de vítimas dos diferentes tipos de *bullying* (Tabela 1) por vários motivos. Porque o mesmo aluno pode receber maus-tratos de diferentes tipos (ex.: ser insultado e roubado) e pela definição de *bullying*, que implica repetição dos maus-tratos. Assim, se um aluno sofrer maus-tratos de diferentes tipos, cada tipo apenas uma vez no último mês, ter-se-ia considerado no total, vítima de *bullying*, por serem dois episódios no último mês, mas não de *bullying* de cada desses tipos (sem dois episódios de maus-tratos de cada tipo). Além disso, uma vítima de *bullying* por exemplo verbal e físico, no total contaria como apenas um aluno.

**Figura 1.** Frequência do relatado de maus tratos, nas respostas aos PVS de vitimização (a cinza claro) e de agressão (a cinza escuro).





**Tabela 1.** Análise da frequência das diferentes tipologias de vitimização por *Bullying*.

Tipologias	n	%
VV	319	48.4
VF	91	13.8
VS	190	28.8
VRP	140	21.2
VT	412	62.5
TA	659	100

VV – vitimização verbal; VF – vitimização física; VS – vitimização social; VRP – vitimização relativa a propriedade; VT – vitimização total; TA – total de avaliados; n – número de alunos.

Consideraram-se “não agressores” 51.6% dos alunos: 35.4% negaram ter maltratado colegas e 16.2% disseram tê-lo feito apenas uma vez no último mês. A agressão verbal foi a mais frequentemente reportada, seguida da agressão física. Disseram-se agressores, com dois ou mais maus-tratos infligidos no mês anterior, de um ou vários tipos, 48.4% dos alunos (Tabela 2).

**Tabela 2.** Análise da frequência das diferentes tipologias de agressão por *Bullying*.

Tipologias	n	%
AV	241	36.6
AF	101	15.3
AS	64	9.7
ARP	23	3.5
AT	319	48.4
TA	659	100

AV – agressão verbal; AF – agressão física; AS – agressão social; ARP – agressão relativa à propriedade; AT – agressão total; TA – total de avaliados; n – número de alunos.

Encontrou-se uma associação positiva, estatisticamente significativa entre a agressão e a vitimização por *bullying* (Tabela 3). A probabilidade de ser vítima de *bullying* nos agressores foi 2.3 vezes superior à dos não agressores, 88.4% (281/318) e 38.2% (130/340), respectivamente. Declararam-se simultaneamente vítimas e agressores 42.7% dos alunos avaliados.

**Tabela 3.** Frequência de vitimização e agressão no *Bullying*: número de alunos e percentagem do total.

		Vitimização		
		Não	Sim	
Agressão	Não	210 (31.9%)	130 (19.8%)	340 (51.7%)
	Sim	37 (5.6%)	281 (42.7%)	318 (48.3%)
		274 (37.5%)	411 (62.5%)	685 (100%)

p<0.01 – Teste do Chi-quadrado de Pearson, bilateral.

No total, declararam-se envolvidos em comportamentos de *bullying*, 71.2% dos alunos (Tabela 4). O mais frequente foi o *bullying* verbal seguido do social, do físico e do relativo à propriedade. Declararam, na relação com os colegas no mês anterior, que foram alvo, ou infligiram, algum tipo de maltrato apenas uma vez, 59 alunos (8.9%), e negaram ter estado em qualquer destas situações 131 (19.8%), do total de 660 alunos avaliados. Ou seja, consideraram-se não expostos ao *bullying* 28.8% dos alunos.

**Tabela 4.** Análise da frequência das diferentes tipologias de *Bullying* (Vitimização e Agressão).

Tipologias	n	%
BV	404	61.2
BF	164	24.8
BS	243	36.8
BRP	151	22.9
BT	470	71.2
TA	660	100

BV – *Bullying* verbal; BF – *Bullying* físico; BS – *Bullying* social; BRP – *Bullying* relativo à propriedade; BT – *Bullying* total; TA – total de avaliados; n – número de alunos.

Encontraram-se associações significativas (nível de significância de 0.05, testes U de Mann-Whitney, e de Chi-quadrado) entre diferentes maus-tratos e o ano de escolaridade ou a idade. Os do 6º ano de escolaridade, mais do que os do 8º, envolveram-se em *bullying*, quer como vítimas de *bullying* físico e verbal, quer como agressores físicos. Especialmente a vitimização física foi mais frequente nos mais novos. Também se encontraram diferenças significativas entre escolas.

### **Bullying e Diferenças entre Géneros**

No PVS os sujeitos de género masculino obtiveram uma frequência de vitimização por *bullying* mais elevada do que os do género feminino (68.0% e 55.1% respetivamente), sendo esta diferença estatisticamente significativa. Ou seja, os rapazes consideraram-se vítimas de *bullying* significativamente mais vezes do que as raparigas.

Os alunos do género masculino consideraram-se mais frequentemente vítimas de *bullying* verbal (54.0%) do que as alunas (41.3%), sendo esta diferença significativa ( $p < 0.01$ ). Estes também se declararam mais frequentemente ( $p < 0.05$ ) vítimas de *bullying* físico e relativo à propriedade. Na vitimização social não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre alunos e alunas. Em ambos os géneros, a vitimização verbal foi a tipologia mais frequente (Tabela 5).

**Tabela 5.** Comparação entre tipos de vitimização para a variável sexo.

	Sexo F		Sexo M		p
	n	%	n	%	
VV	137	41.3	182	54.0	**
VF	34	10.2	57	16.9	*
VS	100	30.1	90	26.7	NS
VRP	57	17.2	83	24.6	*
VT	183	55.1	229	68.0	**
TA	332	100	337	100	

VV – vitimização verbal; VF – vitimização física; VS – vitimização social; VRP – vitimização relativa a propriedade; VT – vitimização total; TA – total de avaliados; F – feminino; M – masculino; n – número de alunos.

\*\* : valor de  $p < 0.01$ , \* : valor de  $p < 0.05$ , NS: Não significativo ( $p >= 0.05$ ) – Teste do Chi-quadrado de *Pearson*, bilateral.

Os alunos de género masculino consideraram-se agressores, por *bullying*, mais frequentemente do que os do género feminino.

Os alunos do género masculino consideraram-se também mais frequentemente agressores verbais e físicos, com proporções respetiva-

mente 1.6 e 5.4 vezes superiores às das alunas. Ou seja, de acordo com estes resultados a probabilidade de um rapaz ser um agressor físico seria 5.4 vezes superior à de uma rapariga. Para as tipologias de agressão social e agressão relativa à propriedade não se verificam diferenças significativas entre os dois géneros. A agressão verbal foi a tipologia mais frequente em ambos (Tabela 6).

**Tabela 6.** Comparação entre tipos de Agressão para a variável sexo.

	Sexo F		Sexo M		p
	n	%	n	%	
AV	91	28.3	150	44.5	**
AF	15	4.7	86	25.5	**
AS	30	9.3	34	10.1	NS
ARP	7	2.2	16	4.7	NS
AT	129	40.1	190	56.4	**
TA	322	100	337	100	

AV – agressão verbal; AF – agressão física; AS – agressão social; ARP – agressão relativa à propriedade; AT – agressão total; TA - total de avaliados; F – feminino; M – masculino; n – número de alunos.

\*\* : valor de  $p < 0.01$ , \* : valor de  $p < 0.05$ , NS: Não significativo ( $p >= 0.05$ ) – Teste do Chi-quadrado de Pearson, bilateral.

Os rapazes apresentam frequências mais elevadas do que as raparigas de envolvimento em comportamentos de *bullying* (78.1% versus 64%). As frequências de envolvimento nos diferentes tipos de *bullying*, com exceção do social, também são maiores nos rapazes (Tabela 7).

**Tabela 7.** Comparação entre tipos de exposição a *Bullying* (como vítima ou agressor) para a variável sexo.

	Sexo F		Sexo M		p
	n	%	n	%	
BV	176	54.7	228	67.5	**
BF	50	15.5	114	33.7	**
BS	129	40.1	114	33.7	NS
BRP	61	18.9	90	26.6	*
BT	206	64.0	264	78.1	**
TA	322	100	338	100	

BV – *Bullying* verbal; BF – *Bullying* físico; BS – *Bullying* social; BRP – *Bullying* relativo à propriedade; BT – *Bullying* total; TA - total de avaliados; F – feminino; M – masculino; ; n – número de alunos.

\*\* : valor de  $p < 0.01$ , \* : valor de  $p < 0.05$ , NS: Não significativo ( $p >= 0.05$ ) – Teste do Chi-quadrado de Pearson, bilateral.

Nas escolas que participaram no estudo, verificaram-se diferentes associações com o género dos comportamentos de agressão e de vitimização por *bullying*.

Em algumas escolas, a probabilidade de um rapaz ser vítima ou agressor de *bullying* foi semelhante à de uma rapariga o ser, enquanto noutras os rapazes apresentaram o dobro da probabilidade de serem vítimas ou agressores de *bullying*. Globalmente, a probabilidade de encontrar um agressor ou uma vítima de *bullying* entre os rapazes, relativamente à de o encontrar entre as raparigas (“risco relativo”), variou entre 0.8 e 2.0 (Tabela 8).

**Tabela 8.** Diferenças na vitimização e agressão por *Bullying* entre géneros, nas escolas avaliadas.

Escola	n	Masculino			Feminino			RR-M	
		nM	VT (%)	AT (%)	nF	VT (%)	AT (%)	VT	AT
1	89	49	59,2	38,8	40	42,5	25,0	1.4	1.6
2	78	42	61,9	50,0	36	50,0	33,3	1.2	1.5
3	75	33/34	66,7	61,8	41	65,9	48,8	1.0	1.3
4	88	45/44	84,4	68,2	43	72,1	53,5	1.2	1.3
5	48	22	77,3	50,0	26	73,1	46,2	1.1	1.1
6	38	16	56,3	18,8	22	31,8	22,7	1.8	0.8
7	40	18	88,9	83,3	22	45,5	40,9	2.0**	2.0**
8	40	19	63,2	52,6	21	52,4	38,1	1.2	1.4
9	85	46	63,0	58,7	39	56,4	43,6	1.1	1.3
10	79	47	66,0	70,2	32	65,6	40,6	1.0	1.7**
TOTAL	660	337	67,8	56,2	322	56,8	40,1	1.2**	1.4**

n: número de alunos avaliados em cada escola; nM: número de alunos de género masculino avaliados; nF: número de alunos de género feminino avaliados; VT: vitimização total; AT: agressão total; RR-M: risco relativo, do género masculino, para ser agressor ou vítima de *Bullying*; \*\*: valor de  $p < 0.01$  – Teste do Chi-quadrado de *Pearson*, bilateral, quanto à igualdade de géneros.

Em três escolas não se encontrou qualquer diferença significativa entre géneros, nos vários comportamentos de *bullying* (Tabela 9). Em duas escolas encontrou-se uma associação significativa entre o género dos alunos e a agressão ou vitimização em três tipologias. Em ambas encontrámos mais agressores físicos e verbais no sexo masculino, numa os agressores relativos à propriedade também

eram significativamente mais frequentes nos rapazes e noutra as vítimas de *bullying* social eram significativamente mais frequentes nas raparigas. Noutra escola, as vítimas de *bullying* verbal eram significativamente mais frequentes nos rapazes. No total, os agressores físicos foram significativamente mais frequentes nos rapazes em sete das dez escolas (Tabela 9).

**Tabela 9.** Diferenças significativas de género nos comportamentos de vitimização e agressão por *Bullying*, nas escolas avaliadas do concelho de Guimarães.

Escola	n	BT	AT	VT	BS	AS	VS	BV	AV	VV	BRP	ARP	VRP	BF	AF	VF
1	89													*	*	
2	78															
3	75													**	**	
4	88														*	
5	48															
6	38											0				0
7	40	**	**	**				*	*			*				*
8	40															*
9	85									*				**	**	
10	79		**				*F		*							*
<b>TOTAL</b>	<b>660</b>	**	**	**				**	**	**	*		*	**	**	*

n: número de alunos avaliados em cada escola; 0: ausência de agressores ou vítimas; F: comportamento significativamente mais frequente no género feminino; B, A, V: envolvimento, agressão ou vitimização, respetivamente, no *Bullying*; T: no total de tipologias; S: no *Bullying* social; V: no *Bullying* verbal; RP: no *Bullying* relativo à propriedade; F: no *Bullying* físico; \*\*: valor de  $p < 0.01$ , \*: valor de  $p < 0.05$ , – Teste do Chi-quadrado de *Pearson*, ou Teste exato de Fisher, bilateral, quanto à igualdade de géneros.

Quanto à idade e ano de escolaridade, realçam-se alguns comportamentos diferentes nos alunos com treze anos ou do 8º ano. Nestes, não se encontraram comportamentos de género significativamente diferentes para a vitimização no *bullying*, exceto na vitimização social, mais frequente nas raparigas.

## DISCUSSÃO

Encontraram-se diferenças significativas nas proporções de *bullying* entre as escolas participantes. Não sabemos se os diferentes comportamentos de *bullying* nas escolas se devem a alunos já anteriormente diferentes ou a ati-

tudes dissuasoras ou facilitadoras adotadas nelas. As causas para essas diferenças poderão ser alvo de estudo em investigações posteriores. Não sabemos se nas escolas não participantes o cenário obtido seria significativamente diferente, no entanto não são evidentes motivos para que nessas os resultados fossem diferentes dos globais do estudo.

Ao contrário de outros estudos, neste o envolvimento no *bullying* foi mais frequente no 6º ano, especialmente o físico (agressão e vitimização) e a vitimização verbal, e não no 8º, ou aos treze anos.

Este estudo, sendo transversal, não indica causas ou como evolui no tempo o fenómeno.

Poderá ser o crescimento, aumento de idade e ano de escolaridade que provoca alterações de comportamentos. Ou por exemplo, alterando-se o fenómeno na sociedade, os alunos mais novos refletirem mais rapidamente a evolução.

Sobre a simultaneidade dos comportamentos de agressão e vitimização, encontrou-se uma probabilidade de um aluno se identificar como vítima 2.3 vezes maior num agressor do que num não agressor. Considerações sobre o que terá ocorrido primeiro ou como se alternam ou encontram no tempo estes “papéis”, de vítima e agressor, não cabem neste estudo.

As prevalências do *bullying* em escolas portuguesas, públicas, inclusive do mesmo concelho e com alunos com idades semelhantes, foram avaliadas anteriormente em estudos<sup>3-8</sup> com resultados diferentes dos agora encontrados.

Neste estudo encontraram-se frequências mais altas de envolvimento no *bullying*, como agressores ou vítimas, especialmente na prevalência de alunos simultaneamente vítimas e agressores<sup>4,5,8</sup>.

Tal como noutros estudos, a tipologia mais frequente foi a do *bullying* verbal. Ao contrário de outros, o *bullying* social foi o segundo mais frequente, seguido do físico. Esta ordem não se manteve quando se analisaram separadamente as tipologias nas vítimas e nos agressores (*bullying* físico em último nas vítimas e segundo mais usado pelos agressores). As frequências diferentes podem dever-se à existência de agressores com mais de uma vítima e vítimas com mais de um agressor. Adicionalmente, algumas vítimas e agressores, dos alunos avaliados, não terão participado neste estudo.

As diferenças com outros estudos podem dever-se às características das amostras (distribuição etária diferente, outros alunos, diferente sensibilização, “viés de memória” e valorização do fenómeno, outras escolas...), à evolução temporal do *bullying* ou à metodologia usada. Neste estudo, ao contrário do que parece ter acontecido noutros<sup>8</sup>, o questionário foi autoaplicado, com garantia de confidencialidade e anonimato, o que pode facilitar relatos constrangedores. Por outro lado, foram avaliados alunos em turmas sem ensino especial, com eventual menor frequência dos com incapacidades mais severas.

Alguns estudos também usaram outras questões e definições de *bullying*. Os deste não parecem, no entanto, tender à sobrevalorização do fenómeno. Poderão mesmo não ter sido contabilizadas ameaças, intimidações e agressões sexuais, por exemplo. Por outro lado, o *cyberbullying* seria possivelmente tipificado como “social” ou “verbal”.

A ausência de uma definição consensual de *bullying* (o que são “maus-tratos”, que frequência se deve considerar para cada, espaçados quanto tempo, avaliados de que modo...) pode dificultar a comparação entre estudos. Refletirá diferentes posturas entre investigadores e ao longo do tempo. Considera-se que a exposição e envolvimento no *bullying* não se limitam aos “papéis principais” de vítima e agressor. Em programas de intervenção ou na vigilância do problema seria redutor considerar apenas estes, sendo presumivelmente mais os afetados pelo *bullying*, apesar de usualmente não contabilizados.

Nos comportamentos associados ao género, verificou-se, como noutros estudos, uma maior

frequência de envolvimento no *bullying* nos rapazes, maior associação do físico e relativo à propriedade a estes e do social às raparigas, mas apenas em algumas escolas e idades ou ano de escolaridade. Manteve-se como mais frequente o *bullying* verbal.

Nos alunos com mais idade, à semelhança do descrito antes<sup>24-26, 36-39</sup>, encontraram-se menos diferenças entre gêneros estatisticamente significativas. Mantiveram-se significativamente mais frequentes nos rapazes apenas as agressões físicas e verbais. E nos 13 anos de idade, nas raparigas a vitimização social foi significativamente mais frequente.

Realça-se que apesar das altas proporções de *bullying* encontradas estas não se verificaram em todas as escolas do concelho. Inclusive, numa não se identificou qualquer vítima de *bullying* físico nem agressor relativo à propriedade. E que em três, das dez escolas, não se encontraram comportamentos diferentes entre gêneros. Estes dados são a favor de uma maior influência do “contexto” do que de fatores genéticos, na relação do sexo com o *bullying*. Assim, fará mais sentido falar em género do que em sexo, ao estudar o *bullying*. Nalgumas escolas será tão ou mais provável encontrar um agressor ou vítima nas raparigas como nos rapazes, apesar de na maioria serem os rapazes os mais frequentemente envolvidos em comportamentos de *bullying*. Nem sempre são os homens os mais prováveis agressores (ou vítimas) quando se fala de *bullying*. Considerando as limitações do estudo, pode dizer-se que as frequências de *bullying* encontradas (71.2% do total de alunos envolvidos diretamente) são preocupantes e devem servir como alerta para a comunidade em geral.

## CONCLUSÃO

Os estudos sobre *bullying que vêm sendo* realizados nas duas últimas décadas por pesquisadores de vários países têm demonstrado que este fenómeno está presente no quotidiano das instituições de ensino, constituindo-se num problema real com consequências graves para os alunos envolvidos.

Este estudo possibilitou compreender melhor a realidade sobre o *bullying* nas escolas de Guimarães. Permitiu verificar as tipologias de *bullying* mais frequentes e a diferente forma como rapazes e raparigas manifestam o seu comportamento em contextos diferentes. Estes conhecimentos e diferenças podem ser utilizados como fonte de hipóteses para futuros estudos e podem ser úteis para a elaboração de políticas locais de intervenção adequadas e direcionadas para as características dos alunos em causa e não somente baseados em experiências de outros países.

### Conflitos de Interesse / *Conflicting Interests*:

Os autores declaram não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

*The authors have declared no competing interests exist.*

### Fontes de Financiamento / *Funding*:

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

*The authors have declared no external funding was received for this study.*

### Agradecimentos / *Acknowledgements*:

Os autores agradecem aos Enfermeiros de Saúde Escolar de Guimarães, do Agrupamento de Centros de Saúde do Alto Ave, a ajuda nos contatos e arti-

culação com as escolas, possibilitando o estudo em tempo útil. Agradecem ao Departamento de Saúde Pública da Administração Regional de Saúde do Norte o acesso ao programa informático de tratamento estatístico de dados.

### Bibliografia / References:

1. Whitney I, Smith P. A survey of the nature and extent of *bullying* in junior/middle and secondary schools. *Educ Res.* 1993, 35(1):3–25.
2. Baldry AC, Farrington DP. Brief report: types of *bullying* among Italian school children. *Jdolesc.* 1999; 22(3):423–426.
3. Carvalhosa, S. Prevenção da Violência e do *bullying* em Contexto Escolar. Climepsi Editores. 1ªEd, Lisboa, 2010.
4. Carvalhosa, S., Lima, L. & Matos, M. Bullying - A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica.* 2001; 4 (XIX): 523-537.
5. Carvalhosa, S., & Matos, M. Bullying in schools: what's going on? *Paper Presented at the 9th Biennial Conference of EARA*, Porto, 2004,.
6. Pereira, B., Almeida, A., Valente, L. & Mendonça, D. O *bullying* nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. *Encontro Galaico Português de Psicopedagogia.* 1996; in L. Almeida (Ed.) Braga: Universidade do Minho.
7. Costa P, Farenzena, R., Simões, H., Pereira, B. Adolescentes portugueses e o Bullying escolar: estereótipos e diferenças de género. *Interações*, 2013; v.9, nº 25, 180-201.
8. Silva, M., Pereira, B.; Mendonça, D., Nunes, B.; Oliveira, W. The involvement of girls and boys with *bullying*: an analysis of gender differences. *Int. J. Environ. Res. Public Health.* 2013; 10(12): 6820-6831.
9. Currie, C., Hurrelmann, K., Settertobulte, W., Smith, R. & Todd, J. Health and health behaviour among young people. *World Health.* Copenhagen. 2000
10. Olweus, D. Bullying at School: what we know and what we can do. *Blackwell Publishing.* Oxford. 1993
11. Smith, P. Don't Suffer in Silence – An anti-*bullying* pack. *London: Goldsmith College* (s/d).
12. Seixas, S. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica.* 2005; 2(XXIII): 97-110.
13. Craig, W. The relationship among *bullying*, victimization, depression, anxiety and aggression in elementary school children. *Personality and Individual Differences.* 1998; 24(1):123-130.
14. Duque, D. Bullying: a violência invisível. *Revista Dimensão.* 2007; (49): 24-25.
15. Hawley, P. H. The ontogenesis of social dominance: A strategy-based evolutionary perspective. *Developmental Review.* 1999; (19): 97-132.
16. Bandeira, C. M. Bullying: autoestima e diferenças de género. *Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.
17. Berger, K. S. Update on *bullying* at school: Science forgotten? *Developmental Review.* 2007; (27): 90-126.
18. Lopes, A. A. N. Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. *Violência escolar* . in C. B. Silva & C. M. Lisboa (Eds.), Santiago de Chile: Universitária. 2005; 297-335.



19. Olweus, D. *Bullying at school. What we know and what we can do?* Blackwell. Oxford, UK. 1993.
20. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr (Rio J)*. 2005; 81:S164-72.
21. Rigby, K. The relationship between reported health and involvement in bully/victim problems among male and female secondary school students. *Journal of Health Psychology*. 1998; 3(4), 465-476.
22. Steinfeldt, J.A., Vaughan, E.L., Lafollette, J.R., Steinfeldt, M.C. Bullying among adolescent football players: Role of masculinity and moral atmosphere. *Psychol. Men Masc.* 2012; 13(4): 340–353.
23. Machado, V. The various dimensions of the male: Swapping itineraries possible. *Rev. Estud. Fem.* 2005; 13: 96–199.
24. Hoover, J., Oliver, R., & Hazler, R. Bullying: perceptions of adolescent victims in the midwestern USA. *School Psychology International*. 1992;13(1):5-16.
25. Crick, N.R. Engagement in gender normative forms of aggression: links to socialpsychological adjustment. In W.Craig (Ed.), *Childhood Social Development. The Essential Readings*. London: Blackwell. 2000.
26. Fleming, L. & Jacobsen, K. Bullying among middle-school students in low and middle income countries. *Health Promotion International*; 2009, 25(1): 73-84.
27. Félix, E.M.R.; Alamillo, R.D.R.; Ruiz, R.O. Prevalencia y aspectos diferenciales relativos al género del fenómeno *bullying* en países pobres. *Psicothema*. 2011, 23: 624–629.
28. Carbone-lopez, K.; Esbensen, F.A.; Brick, B.T. Correlates and consequences of peer victimization: Gender differences in direct and indirect forms of *bullying*. *Youth Violence Juvenile Justice*. 2010, 8: 332–350.
29. Carrera Fernández, M.V.; Fernández, M.L.; Castro, Y.R.; Failde Garrido, J.M.; Otero, M.C. Bullying in spanish secondary schools: Gender-based differences. *Span. J. Psychol.* 2013; 16: 1–14.
30. Hong, J.S.; Espelage, D.L. A review of research on *bullying* and peer victimization in school: An ecological system analysis. *Aggress. Violent Behavior*. 2012;17:311–322.31
31. Pereira, B. Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. *Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) Textos Universitários de Ciências Sociais e Humana*. 2 ed. Lisboa. 2008.
32. Skrzypiec, G., Slee, P., Murray-Harvey, R., & Pereira, B. School *bullying* by one or more ways: does it matter and how do students cope? *School Psychology International*. Prelo. 2011
33. Veenstra, R., Lindenberg, S., Oldehinkel, A., Winter, A., & Ormel, J. Bullying and victimization in elementary school: a comparison of bullies, victims, bully/victims and uninvolved preadolescent. *Development Psychology*. 2005; 41 (4): 672-682.
34. Craig, W., Pepler, D., & Blais, J. Responding to Bullying: What Works? *School Psychology International*. 2007; 28 (4): 465-477.
35. Bradshaw, C. P., O'Brennan, L. M., & Sawyer, A. L. Examining variation in attitudes toward aggressive retaliation and perceptions of safety among bullies, victims, and bully/victims. *Professional School Counseling*. 2008; 12(1): 10-21.

36. Smith. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. *Violência nas escolas e políticas públicas*. in E. Debarieux & C. Blaya (Eds.). Brasília: Edições UNESCO Brasil. 2002; 268
37. Olweus, D. Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*. 1997; XII(4); 495-511.
38. Pereira, B., Almeida, A., Valente, L., & Mendonça, D. O Bullying nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. *Actas II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. 1996.
39. Costa, P. Vitimação em contexto escolar: Frequência e as multiplas formas. *Centro de Investigação em Estudos da Criança*. Instituto de Educação, Universidade do Minho. 2011.
40. Crick, N. & Grotpeter, J. *Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment*. Child Development. 1995; 66 (3): 710-722.
41. Bandeira, C. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 2012;16 (1):35-44.
42. Mynard, H., & Joseph, S. Development of the Multidimensional Peer Victimization Scale. *Aggressive Behavior*. 2000; 26(2):169-178.
43. Veiga, F. H. *Adaptação da "Multidimensional Peer Victimization Scale" para Portugal*. Apresentação na XIII Conferência Internacional sobre "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos". Braga: Universidade do Minho. 2000.
44. Tuckman, B. *Manual de Investigação em Educação*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2000.
45. Balogun, S. K., & Olapegba, P. O. *Cultural Validation of the Multidimensional Peer Victimization Scale in Nigerian Children*. Journal of Cross - Cultural Psychology. 2007;38(5):573-381.